

UNIDADE 2 – O CONHECIMENTO

AULA 1

O QUE PODEMOS CONHECER

O Conhecimento é uma relação que se estabelece entre o sujeito e o objeto, consistindo na apropriação intelectual de um conjunto de dados, com a finalidade de domina-los e utiliza-los para entendimento e elucidação da realidade, onde o sujeito apreende um objeto e torna-o presente aos sentidos ou à inteligência.

De que maneiras o sujeito que toma conhecimento assimila o real?

Podemos apreende-lo de duas maneiras: pela **RAZÃO**, quando encadeamos

idéias e juízos para chegar a uma conclusão, ou pela **INTUIÇÃO**.

A intuição é um conhecimento imediato, obtido sem intermediários, faculdade ou ato de perceber, discernir ou pressentir coisas, independentemente de raciocínio ou de análise. Assim sendo, torna-se inexprimível. Seu funcionamento e até mesmo sua existência são um enigma para a ciência. Apesar de já existirem muitas teorias sobre o assunto, nenhuma é dada ainda como definitiva.

Para fins de estudo, dividiremos em três partes:

INTUIÇÃO EMPÍRICA: é o conhecimento imediato baseado em uma experiência. Por sua vez, a intuição empírica pode ser de três modos:

a) Intuição psicológica: se dá quando temos a experiência interna imediata de nossos sentimentos. Sua atuação se dá através do inconsciente, ou seja, se origina a partir do inconsciente.

b) Intuição inventiva: é a intuição criadora, aquela do artista, do cientista, do médico, que descobrem soluções súbitas, às vezes em sonhos, outras em visões. A Tabela Periódica foi criada por **Medvedev** após dormir e sonhar.

A música “**Yesterday**” foi composta por **Paul McCartney** após acordar com a melodia na cabeça.

A descoberta da fórmula estrutural do benzeno também ocorreu de modo parecido. O químico alemão **Kekulé** dormiu e sonhou com uma cobra que mordida o próprio rabo. Quando ele acordou e passou a colocar esse sonho à prova no mundo real: a disposição dos átomos na molécula do benzeno seria semelhante à daquela cobra que mordida a sua cauda, ou seja, formaria um ciclo de forma hexagonal.

c) Intuição intelectual: A intuição intelectual é o conhecimento direto e imediato dos princípios da razão (identidade, contradição, terceiro excluído, razão suficiente), das relações necessárias entre os seres ou entre as idéias, da verdade de uma idéia ou de um ser. Na história da Filosofia, o exemplo mais célebre de intuição intelectual é conhecido como o cogito cartesiano, isto é, a afirmação de Descartes: “Penso (cogito), logo existo”. De fato, quando penso, sei que estou pensando e não é preciso provar ou demonstrar isso, mesmo porque provar e demonstrar é pensar e para demonstrar e provar é preciso, primeiro, pensar e saber que se pensa.

CONHECIMENTO DISCURSIVO: O conhecimento discursivo, ao contrário do intuitivo, precisa da palavra e da linguagem para se exprimir, pois organiza as informações imediatas em idéias gerais que posteriormente são encadeadas em juízos e raciocínios. O conhecimento discursivo é **ABSTRATO**, ou seja, é aquilo que existe somente no conceito e na ideia, não sendo concreto, real ou verdadeiro. Por exemplo, quando pensamos em

uma caneta, temos a imagem dela, da natureza sensível, concreta e particular: uma caneta esferográfica azul. A idéia abstrata, porém, despreza as características secundárias para obter a representação intelectual do objeto, que é imaterial e geral. Ou seja, a idéia caneta não se refere àquela em particular, mas a todas canetas existentes.

A matemática faz abstração ao reduzir as coisas, que tem peso, volume, etc. a quantidades. As ciências em geral usam a abstração para estabelecer as leis. Por exemplo, a lei da gravitação universal de Newton: "Dois corpos atraem-se com força proporcional às suas massas e inversamente proporcional ao quadrado da distância que separa seus centros de gravidade." São abstraídas as características que distinguem cada corpo, para considerar apenas os aspectos comuns aos corpos, ou seja, "corpo em geral".

VERDADE

A filosofia estuda a verdade de diversas maneiras. A metafísica se ocupa da natureza da verdade. **ALÓGICA** se ocupa da preservação da

verdade. A **EPISTEMOLOGIA** se ocupa do conhecimento da verdade. Para os filósofos gregos a verdade estava no ser das coisas, ou melhor, na essência das coisas. Este conceito de verdade tem bastante influência do platonismo. **PLATÃO**, por meio de sua **DIALÉTICA**, dividiu a realidade em dois mundos: o **FÍSICO** – onde residem às aparências, sombras e **DOXAS** – e das ideias ou **SUPRASENSÍVEL** – onde residem as essências das coisas. Neste sentido, a verdade está na essência e, portanto, no mundo das ideias. Para **ARISTÓTELES**, filósofo grego posterior a Platão, a verdade estava no discurso, na maneira como anunciamos a verdade. Por isso este filósofo desenvolve a **LÓGICA FORMAL**. Verdadeiro e falso, na concepção aristotélica, fazem parte do problema da verdade. Já para os medievais, particularmente os **ESCOLÁSTICOS** – fundamentados pelo pensamento de **SÃO TOMÁS** –, a verdade estava na realidade, independentemente do sujeito. Cabia ao intelecto adaptar-se à verdade que estava no mundo, criado por Deus.

VERDADE E VERACIDADE: Suponhamos que alguém diz que há um lado da Lua que nunca é visto da Terra. Se eu lhe perguntar: Isto é verdade? A indagação pode ter dois sentidos: o primeiro é se meu interlocutor está me dizendo uma verdade ou se está mentindo. Neste caso trata-se de **VERACIDADE**, que nos coloca diante de uma questão moral: o indivíduo **VERAZ** é o que não mente.

O segundo sentido é propriamente **EPISTEMIOLÓGICO**: quero saber se a afirmação do meu interlocutor é verdadeira ou falsa. Para tanto, indago se a afirmação é verdadeira ou falsa. Indago se a proposição corresponde à realidade, se já foi comprovada, se a fonte de informação é digna de crédito ou não.

A CERTEZA: PODEMOS ALCANÇÁ-LA OU NÃO?

Existem duas linhas de pensamento para responder à pergunta: O **DOGMATISMO** e o **CETICISMO**.

DOGMATISMO: existem dois tipos de dogmatismo: o do senso comum e o filosófico. Chamamos de dogmática a pessoa que supõe algo como verdadeiro e abdica da dúvida, não importando-se com a opinião de outras pessoas ou com novos fatos que ponham em dúvida aquela certeza. Na política o dogmatismo propicia o totalitarismo, ao negar a divergência de opinião e geralmente é seguido por repressão e censura.

A filosofia dogmática defende a teoria de que é possível atingir a verdade. O **dogmatismo ingênuo** supõe que percebemos o mundo tal qual ele é, sem grandes problemas. O **dogmatismo crítico** a defende a idéia de que podemos atingir a verdade através da razão.

CETICISMO: nega a possibilidade de que possamos conhecer a verdade. Existem duas vertentes básicas de ceticismo: a absoluta e a relativa.

CETICISMO ABSOLUTO: o primeiro cético foi **GÓRGIAS DE LEONTINI**, no século IV a.C. Górgias acreditava que não existia uma verdade absoluta, chegando a conclusão sobre a ilusão gerada pelos sentidos.

Defendia a tese de que o Ser não existe, se existisse não poderíamos conhecê-lo, e se pudéssemos conhecê-lo, não poderíamos comunicá-lo aos outros. Ou seja: nada existe. Mesmo que se algo existisse, seria impossível conhecê-lo. Mesmo que algo fosse conhecido (ou pensável) não poderia ser comunicado.

Outro expoente do ceticismo foi **PIRRO DE ÉLIDA**, contemporâneo de Alexandre magno, que se absteve de aderir a qualquer certeza. Para ele, a atitude do sábio é a suspensão do juízo, e como consequência, a aceitação do

fato de não poder discernir o verdadeiro do falso. Dizia que nossos conhecimentos são provenientes dos sentidos (visão, audição, paladar, olfato, tato), porém estes não são confiáveis, pois podem nos induzir a erro. Quanto à razão, diz que a prova de que jamais poderemos alcançar a certeza absoluta é o fato de que as pessoas têm diferentes opiniões sobre os mesmos assuntos.

CETICISMO RELATIVO: consiste em negar apenas parcialmente nossa capacidade de conhecer a verdade.

SUBJETIVISMO: considera o conhecimento como SUBJETIVO E PESSOAL, e

que é impossível alcançar a objetividade. Exposto por **PROTÁGORAS** (490 A.c

– 411 A.c) que dizia: “ *se o homem é a medida de todas as coisas, a verdade é uma construção humana, ela não está nas coisas*”.

RELATIVISMO: considera que não existem verdades absolutas, mas apenas verdades relativas, em certo tempo, em determinado espaço social, em um contexto histórico.

PROBABILISMO: declara que o conhecimento é incapaz de atingir a certeza absoluta, e tudo que podemos atingir é uma verdade provável.

PRAGMATISMO: a verdade seria o que é útil e eficaz na vida prática. Ou seja, o que chamamos de verdade seria o que corresponde com o objetivo a ser atingido.

CRITICISMO: teoria criada por **KANT** (1724 – 1804), como tentativa de superar o impasse criado entre o dogmatismo e o ceticismo. Afirma que o processo de conhecimento é uma relação entre o sujeito e o objeto e não mais somente do sujeito.